

Como fraturamos o imaginário do Brasil- nação¹

DE PINHO, Fabiana /IFF (Instituto Federal Fluminense) e PUC-RIO(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) -fabianadepinho@hotmail.com

Eje: Estética y Teoría Literaria

Tipo de trabajo: ponencia

Palabras clave: Literatura brasileira e nação; Identidade nacional e literatura; Imaginário nacional e literatura.

RESUMO:

A experiência urbana e a produção de imaginários estariam diretamente ligadas a múltiplas culturas, a diferentes modos de sentir as cidades e a representações que fazemos delas. É neste cenário construído para discussões sobre imaginários urbanos e, conseqüentemente, sobre identidade e cultura, que inscrevo a necessidade de compreender como a Literatura Brasileira contemporânea representa o Brasil, isto é, como imagina o Brasil. Parto da observação de que boa parte das narrativas atuais brasileiras abriu mão de representá-lo como lugar hegemônico de construção de um projeto identitário de nação. Parece-nos que existe uma tentativa de não só ressignificar as heranças literárias construídas nos projetos do nosso passado literário, mas também de fraturar um imaginário hegemônico, ora construído pela literatura, sobre o que seria a identidade brasileira. Tomarei como caminho de reflexão o romance *Heranças*, de Silviano Santiago, na perspectiva de que ele poderia ser considerado como um lugar teórico para discutir como alguns narradores contemporâneos brasileiros ressignificam a questão da nação ora imaginada pedagogicamente (BHABHA), em um tempo homogêneo e vazio(ANDERSON, 2008), inclusive por autores do Romantismo brasileiro. Para este trabalho, ancorar-me-ei prioritariamente em teóricos que dialoguem com os reflexões propostas pelos estudos culturais e pós-coloniais e\ou que apontem para aspectos das noções de identidade brasileira.

1 Texto apresentado para conclusão da disciplina "Imaginar a nação em tempo heterogêneo: paisagens urbanas e pós-urbanas. Os impasses da literatura e da cultura das mídias.", ministrada no segundo semestre de 2013 pelos professores Renato Cordeiro Gomes e Paulo Roberto Tonani, no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO/PUC-Rio.

*Infelizmente, no entanto, apesar de todos os esforços, é imenso o peso do nosso legado de 500 anos de desmandos. Continuamos a ser um país onde moradia, educação, saúde, cultura e lazer não são direitos de todos, mas privilégios de alguns.(...)
Historicamente habituados a termos apenas deveres, nunca direitos, sucumbimos numa estranha sensação de não-pertencimento: no Brasil, o que é de todos não é de ninguém...²*

A Feira de Frankfurt, edição 2013, escolheu o Brasil para ser o país homenageado. Como parte das honrarias, Luiz Ruffato, escritor mineiro, foi convidado para discursar na abertura do evento. Durante sua fala, fez duras críticas à realidade brasileira, revelando uma face do país que vai de encontro a estereótipos de brasilidade que, inclusive, aparecem no cartaz promocional da Feira: um cachorro – culturalmente identificado com a Alemanha – adornado com um esplendor – símbolo do carnaval carioca, uma das representações do Brasil, sobretudo no exterior.

Em sua conferência, Ruffato se coloca como um sujeito de enunciação que fala de um lugar periférico. O escritor, no início de seu discurso, demarcou assim suas origens: “O que significa ser escritor num país situado na periferia do mundo, um lugar onde o termo capitalismo selvagem definitivamente não é uma metáfora?” A pergunta de Ruffato localiza o Brasil na periferia do mundo, desconstruindo a crença, bastante utilizada pelo poder público, de que nosso país conquistou um lugar central na economia mundial e, além disso, não apresenta desigualdades sociais, tampouco contradições, afinal, aos olhos de alguns, seria “abençoado por Deus e bonito por natureza”.³

E o escritor diz que cabe a ele, intelectual das periferias do Brasil e do mundo, assumir, em um país paradoxal, um papel transformador: “Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo.” E finaliza sua fala, admitindo que está sendo utópico; porém, assume que vive de utopias porque pensa que o destino de todos é alcançar a felicidade na

² Esta epígrafe e os demais fragmentos foram retirados do discurso de Luiz Ruffato, lido durante a Feira do Livro de Frankfurt, edição 2013, publicado no jornal O globo de 10\08\2013.

³ Trecho retirado da canção *País tropical* de Jorge Benjor.

Terra no aqui e no agora.

Tendo em vista o lugar em que o escritor fala - a Feira do Livro de Frankfurt - chama-nos a atenção o fato de o discurso de Ruffato não apresentar uma leitura elogiosa sobre o Brasil, tampouco falar do país como uma nação una e homogênea, cuja marca do povo seria a desprezível afetividade. Ao contrário disso, ele elenca grupos sociais em situação de vulnerabilidade, fala das consequências da colonização – genocídio de índios - e apresenta um panorama de ações que negam o outro, como machismo, racismo, hipocrisia e homofobia, por exemplo. Sua atitude discursiva se legitima porque, para ele, é preciso proclamar nossa singularidade, como forma de resistência “à tentativa autoritária de aplainar as diferenças.”(RUFFATO, 2013)

Após as críticas negativas recebidas tanto de membros do governo brasileiro, como de outros intelectuais, Ruffato, em entrevista⁴, respondeu às opiniões contrárias à sua fala, dizendo:

“...falo isso no Brasil há 10 anos. Meus livros falam disso. Mas como li o discurso fora do Brasil, na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, (...), acabou tendo maior repercussão. Não falei mal do Brasil. Se alguém falar mal do Brasil perto de mim, brigo. Só dei um retrato não hipócrita do que é nosso país.”

O discurso de Ruffato pode, assim, representar uma importante possibilidade teórica para pensarmos no atual lugar do escritor brasileiro contemporâneo. Como a narrativa contemporânea brasileira, diferentemente, dos projetos do Romantismo e do Modernismo, não tem como questão central a Nação, na fala do escritor há dois aspectos da cena cultural da literatura brasileira. O primeiro diz respeito ao fato de que mais do que falar do Brasil, como Estado-Nação e centro de significação literária, muitos escritores contemporâneos parecem querer falar dos brasileiros, no plural, considerando as diversidades. O outro aspecto revela que muitos escritores têm saído das periferias – no plural, pois cada periferia possui suas especificidades -, procurando construir, pela literatura, um lugar de fala, de expressão e de empoderamento.

Para os escritores românticos, criar uma nação era homólogo a criar uma literatura. De acordo com Silviano Santiago⁵, frente à precariedade do presente, era

⁴ Entrevista concedida ao jornal Estado de Minas, em 13 de outubro de 2013.

⁵ Extraído da conferência de Silviano Santiago “Futuro do presente: Brasil imaginado”, no dia 28 de agosto de 2013, na Academia Brasileira de Letras.

necessário também para eles querer um futuro melhor. Nesse sentido, a *Canção do exílio* de Gonçalves Dias traz uma melancolia que aspira a uma pátria sonhada, ideal e em formação. O projeto romântico pretendia ensinar o Brasil a ser brasileiro, utilizando um discurso pedagógico (BHABHA, 1990), homogeneizante e essencialista a partir de referenciais europeus. A construção da nação, o sentimento de missão e a consciência de que era necessário construir uma literatura que provasse que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus eram pontos fundamentais no projeto romântico, pois consideravam “a atividade literária como parte do esforço de construção de um país livre” (CANDIDO, 1959).

No caso dos escritores modernistas, havia uma necessidade de interpretar o Brasil. Os três Andrades⁶ – Mário, Oswald e Carlos, tentavam interpretar a nação para pensá-la, para compreendê-la, ainda que esta tarefa fosse diária, destemida e contínua. Eles viviam o Brasil e tinham a pretensão de ensinar os outros a também viverem o Brasil. Neste projeto, “a procura cotidiana duma interpretação para o Brasil, a duras penas vivenciada pelos jovens modernistas, fez parte da *formação* de cada um deles.”(SANTIAGO, 2005). A preocupação dos modernistas é pedagógica, porém, diferentemente dos românticos, eles se incluem no processo de aprendizagem. Conforme nos diz Silviano Santiago, eles procuravam saber saber em um país com certas características:

Como saber saber, num país de maioria analfabeta, de herança indígena vilipendiada pelos colonizadores, onde a contribuição da cultura negra é negada em praça pública pelos intolerantes e preconceituosos; como saber saber num país onde a ideia de herança e de tradição não é estudada e questionada e, muito menos, valorizada, é antes rejeitada *a priori*? Dadas todas essas circunstâncias, saber saber é a estratégia cultural de que se valem os artistas modernistas para chegar à sabença. É a maior lição que nos legaram para que cheguemos à interpretação democrática do país e dos brasileiros.

Aprender a saber o que é o Brasil é o legado que os modernistas nos deixaram para que pudéssemos compreendê-lo em sua heterogeneidade. O deslocamento entre aprender e ensinar sugere um movimento pedagógico e, ao mesmo tempo, performático (BHABHA, 1990).

Mário e Ruffato apresentam posicionamento sobre o papel do intelectual na sociedade brasileira. Ambos, apontam que, diante do panorama que se apresenta, é preciso que o escritor se posicione e interfira com sua arte na cultura. Mas, por um

⁶ Esta nomenclatura foi retirada do texto “Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil”, de Silviano Santiago.

lado, o modernista ainda tinha o país como elemento central em suas obras. Mário queria compreender o país para dar uma alma a ele. Ruffato busca compreender o Brasil e suas contradições, restando a ele ter a escrita como lugar de resistência das vozes das periferias. Não há um projeto coletivo. Há um discurso performático, que se traduz em ato, constituído pela fala das singularidades (BHABHA, 1990).

É neste cenário da Literatura Brasileira, em que boa parte das narrativas contemporâneas abriram mão de representar o Brasil, que gostaria de discutir o romance *Heranças*, de Silviano Santiago para entender como alguns narrares contemporâneos ressignificam as heranças literárias recebidas, inclusive de escritores, como os românticos, que imaginaram, pedagogicamente (BHABHA), a nação em um tempo homogêneo e vazio (ANDERSON, 2008).

Heranças foi escrito por Silviano Santiago em 2008. Seu personagem principal e narrador é Walter, um mineiro de Belo Horizonte, que, já idoso, vive em um apartamento na Vieira Souto, em Ipanema, no Rio de Janeiro e escreve suas memórias. Cínico, mulherengo, sedutor, assassino, ambicioso, egoísta, Walter, ciente da proximidade da morte, não tem para quem deixar seus bens: “Escapei-me do provérbio que reza: “Quando Deus não dá filhos, o diabo dá sobrinhos.” Não tive filhos. Não tenho sobrinhos.” Resta a ele procurar aquele que, em sua morte, receberá a herança.

Uma herança, em geral é um conjunto de bens deixados por falecidos para uma ou mais pessoas. O herdeiro terá o direito de usufruir dos bens, mas também terá a obrigação de cuidar deles. Caso não seja encontrado herdeiro, os bens ficam para o Estado, ou seja, para aquele que não tem nenhuma relação com o falecido. Neste romance, a primeira herança, após a morte do pai e posteriormente da irmã, fica para alguém que escreve - Walter; a segunda será deixada por alguém que escreve - Walter.

Cabe uma observação sobre o título do livro: *Heranças*. O plural sugere que o romance trata de bens variados. Sobre estes, Renato Cordeiro Gomes afirma:

A narrativa em si retrabalha não só a herança de uma tradição literária (Machado de Assis) e outras histórias de decadência, de casas assassinadas, de esterilidade, quanto de uma herança de interpretar o Brasil: a ideia de Nação, entretanto, não mais totalizadora, pedagógica, leva a abrir mão de um imaginário coercitivo e unificador. Ao lidar de modo performático com o espectro da Nação, em que esta se torna um espaço liminar de significação, a própria herança cultural se desestabiliza, porque não mais homogênea,

agora marcada pela temporalidade do entre-lugar.⁷

⁷ Artigo *Imaginar a nação em tempo heterogêneo e midiático: herança, espectro e resíduos*,
Gomes Cordeiro Renato.

Contrapondo a noção de tempo homogêneo e vazio de Benedict Anderson, Patha Chaterjee explica que este tipo de temporalidade não existe em nenhum lugar do mundo, pois nem todas as pessoas interiorizam as situações da mesma forma. A política, por exemplo, não significa o mesmo para todas as pessoas. O mundo, segundo ele, não tem uma essência única. (CHATERJEE, 2009). Citando Homi Bhabha, Chaterjee explica:

...la narrativa de la nación se encuentra obligada a afrontar una inevitable ambivalência, con dos planos temporales que interactúan. Em um plano temporal, el Pueblo es objeto de una pedagogia nacional ya que se encuentra siempre em construcción, em processo de progreso histórico hacia um nunca culminado destino nacional. Pero em outro plano, la unidad del Pueblo, su identificación permanente (desde y hasta siempre) com la nación, debe ser continuamente significada, repetida y escenificada.

As falas de Chaterjee e Bhabha fazem pensar que para imaginar a nação em um tempo heterogêneo, é preciso percebê-la também de modo heterogêneo, ou seja, considerando que haverá tantas formas de imaginá-la quantos forem os que a imaginam. Nesse sentido, narrar em tempo heterogêneo é narrar de modo performático, pois não se quer ensinar o que é uma nação. Bhabha explica a diferença entre os discursos performáticos e os pedagógicos:

O pedagógico funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo, descrita por Poulatzas como um momento de vir a ser designado por si próprio, encapsulado numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade produzida por autogeração. O performativo intervém na soberania da autogeração da nação ao lançar uma sombra entre o povo como “imagem” e sua significação como um signo diferenciador do Eu, distinto do Outro ou do Exterior. (...) ...o performativo introduz a temporalidade do entre-lugar. A fronteira que assinala a individualidade na nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo homogêneo.

Ao narrar o Brasil de modo performático, *Heranças* é inscrito em uma nova tradição: a de uma narrativa que ressignifica o modo de narrar o país. Não há um projeto para construir ou interpretar o Brasil. Tal como Ruffato em seu discurso, mostra-se como brasileiros – em sua pluralidade – agem, vivem, como povo heterogêneo, sem a preocupação de documentar quem é o brasileiro. Neste romance, dois elementos que caracterizam o Brasil estão performatizados: patriarcalismo e cordialidade.

O patriarcado se configura como um poder centrado nos patriarcas, nos chefes das famílias brasileiras dos senhores de engenho. Nos domínios rurais da sociedade colonial, tudo gira em torno da autoridade do pater-famílias que possui um poder ilimitado frente a sua família patriarcal (HOLANDA, 1995). Esta é numerosa, composta por membros no núcleo conjugal, por filhos, agregados e

escravos, todos submetidos ao poder do pater famílias.

Em *Heranças*, a família patriarcal sofre modificações ao longo dos anos. Neste livro, o narrador em primeira pessoa nos mostra um panorama subjetivo da sociedade brasileira do século XX. Já bem idoso, Walter apresenta aos leitores uma face do contexto social herdeiro de um sistema centrado no poder do patriarca. As relações de poder entre ele, sua família, seus empregados e mulheres são pautadas na certeza de que os desejos do “filhinho de papai”⁸ serão satisfeitos. Walter fora criado para ser servido e para mandar naqueles que estão ao seu redor. No início da maturidade, ele passa a conviver com os empregados que o cercam e afirma, “Por um bom tempo, tornei-me bondoso e ajuizado patriarca das Gerais.”

Porém, três pontos fraturam esta herança patriarcal: a) as relações de gênero entre o narrador, Filhinha, Marta e Gráci; b) a ausência de filhos, de continuidade e c) a herança ser destinada a Vitorino. No caso das relações de gênero, no patriarcado as mulheres - esposas, parentes, empregadas ou filhas - eram submissas. No entanto, estas três mulheres exemplificam fraturas neste sistema. As três ocupam lugares distintos dos instituídos pelo patriarcado.

O segundo ponto fraturado pelo romance é descendência. Note-se que esta é ausente por uma escolha do narrador. Todas as mulheres que engravidam dele fizeram abortos, algumas de inúmeros filhos. Nem filhos, nem sobrinhos, pois a irmã quando morrera estava grávida. Para ele, descendentes são dependentes e por isso eram ceifados:

Se ao ser depositada na caverna vaginal, a semente se desdobrasse em flor e fruto dentro do útero, o jardineiro de minha vontade - devidamente instruído pelo bem-estar financeiro do patrão - se adiantava ao ciclo natural de gestação, e ceifava a haste fértil com o podão. Ou acariciava o fruto, até que caísse do galho e estatelasse na terra, que nos há de engolir a todos.

Um dos bens mais preciosos para o patriarcado é a família que se perpetua pelos laços de transmissividade. Nesse sentido, “os contatos primários”, construídos pelos laços de sangue e de coração, que forneceram o modelo obrigatório de nossa composição social, mesmo nas instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, é fraturado nesta narrativa. Ele continua a existir, porém, não apresenta a mesma configuração.

⁸ Walter se autodenomina desta forma.

O último elemento escolhido para tratar do patriarcado em *Heranças* é o fato de o narrador deixar seus bens para alguém que além de não ter seu sangue, nasceu em uma situação periférica. Vitorino nasce negro, pobre e portador de deficiência em uma cidade em que “beleza põe mesa e dá banquete”. Curiosamente, o ex-pipoqueiro parece ser a oposição de Walter, uma vez que este não teve filhos, não se casou, transformou os bens familiares em fortuna, não estudou, é branco, bonito e estabelece relações de poder com as pessoas. Aquele, além das diferenças étnicas, é educado, engenheiro, formou família e saiu da periferia para integrar a classe média.

A sociedade patriarcal também era escravocrata. Retomando o discurso de Luiz Ruffato em Frankfurt, vemos que o Brasil conquistou mudanças, mas a realidade ainda está aquém do adequado:

Até meados do século XIX, cinco milhões de africanos negros foram aprisionados e levados à força para o Brasil. Quando, em 1888, foi abolida a escravatura, não houve qualquer esforço no sentido de possibilitar condições dignas aos ex-cativos. Assim, até hoje, 125 anos depois, a grande maioria dos afrodescendentes continua confinada à base da pirâmide social: raramente são vistos entre médicos, dentistas, advogados, engenheiros, executivos, jornalistas, artistas plásticos, cineastas, escritores.

Vitorino, como o radical de seu nome, é um vitorioso sobrevivente e, segundo o narrador, representa a vitória do talento individual. Diferentemente de Walter, Vitorino não se valeu das relações de cordialidade. Ele mudou seu status por mérito. Ao passo que o narrador vem de um sistema de trocas em que “permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal...” (HOLANDA, 1995), com o objetivo de produzir uma máscara social com qual irá alcançar seus objetivos. Daí a ironia de Walter ao dizer que também venceu por méritos individuais.

As relações de gênero entre o narrador, Filhinha, Marta e Gráci; a ausência de filhos, de continuidade e o fato de herança ser destinada a Vitorino fraturam o patriarcalismo e a cordialidade. Estes três pontos, na verdade, sinalizam o destroçamento de um modelo de sociedade e apontam para a construção, a longuíssimo prazo, de outros modelos sociais. A imagem da casa que será demolida e substituída por um edifício é bastante emblemática:

Nos dois casarões patriarcais destroçados pelo tempo, a ordem de bota-abaxo foi dada pelo capataz da empresa de demolição. Ele contratou e comandou o time dos peões que – marretas e picaretas em punho – jogaram no chão o telhado e as paredes carcomidas. De lambuja, os caminhões de carga transportavam telhas, lustres, portas, janelas, pias, ferragens, fogões, vasos sanitários, tanque e estantes...Transportavam para bem longe qualquer traste que eventualmente

poderia aguçar a memória dos antigos moradores.

Ainda que Walter continue estabelecendo relações cordiais e patriarcais na sociedade em que vive, é fato que, em *Heranças*, estes dois modelos foram ressignificados. Tanto é que a herança, antes sem herdeiro, é passada para Vitorino.

Assim, este romance é também um lugar de reflexão sobre como alguns narradores contemporâneos ressignificam as heranças literárias recebidas. Assim, o ato de instituir Vitorino como herdeiro universal de sua fortuna parece simbólico, na medida em que não só o dinheiro mudou de mãos, mas parte da escrita literária brasileira também.

Em primeiro lugar, Walter é herdeiro de escritas literárias. A escrita machadiana é uma delas, uma vez que ele utiliza procedimentos semelhantes aos de Machado de Assis, presentes em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Listo alguns indícios desta filiação: 1) intensa interlocução entre narrador e leitor ficcional – O leitor é adjetivado (justiceiro, recriminador) e convidado a construir a leitura com o narrador em vários pontos do texto; 2) A relação de Walter com a própria morte – O tom é o de quem está muito próximo de morrer. O personagem parece estar entre Bento Santiago e Brás Cubas; 3) O narrador problematiza e teoriza a vida e a morte; 4) Ironia machadiana – O narrador se considera muito esperto, porém, é ludibriado por duas mulheres, por exemplo; 5) Não deixa descendentes – Os abortos são uma constante e, como Brás Cubas, Walter não transmite a ninguém sua miséria humana;

A conhecida dedicatória de Brás Cubas “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.” é ressignificada por Walter: “À semelhança dos metais atômicos, a tinta à óleo deve sobreviver à mordida dos vermes, envenenando-os na primeira dentada. Exterminadas as gulosas pestinhas, a carne putrefata do cadáver ganhará anos a mais de sobrevida...”

Sobre isto, Silviano diz que:

A ideia de balanço de uma vida, cujo tema é proposto e tratado por obras que me fascinam, obras tão variadas quanto *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado, e o *Rei Lear*, de Shakespeare, em sua versão original e nas várias adaptações. O sempre pujante despotismo da vida sexual às voltas com o dinheiro solto e pesado. Uma visão mais objetiva do fazer literário, menos conivente com a literatura do eu, ou a “autoficção”. Quis lançar-me a peripécias pouco trabalhadas pelos nossos formadores, os romancistas modernistas. Correr o risco da originalidade da prosa ficcional em tempos de best-seller, auto-ajuda e flerte com a massa de leitores. Para resumir e dar destaque a uma das forças, direi que a busca de um estilo realista, em nada trabalhado por monstros como

Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenha sido a máquina termodinâmica a impulsionar a locomotiva Heranças e a puxar seus muitos vagões.⁹

Heranças, de acordo com seu autor e com indícios no texto, não pretende ser um romance de formação. Talvez, seja um romance contemporâneo de ressignificação, que olha para o passado da Literatura Brasileira e para a tradição de representação do Brasil-nação, sem reverenciá-los e sem a nostalgia de um modelo de escrita ou projeto estético que se foi. É uma narrativa que também trata de deslocamentos que, de algum modo, fraturam modelos de poder. Talvez esta seja uma outra resposta para a pergunta de Ruffato, na Feira de Frankfurt: ser um escritor em um país periférico, em um lugar em que o termo capitalismo selvagem não é uma metáfora, significa ser capaz de, a partir da escrita performática, considerando o tempo heterogêneo, fraturar, ressignificar e deslocar poderes.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Hommi(org).O local da cultura. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1964.

CHATTERJEE, Patha. La nación em tempo heterogêneo. Madrid: Paidós, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. Imaginar a nação em tempo heterogêneo e midiático: herança, espectros e resíduos.

HOLANDA, Sergio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. Revista ALCEU – v.5-n.10p. 5 a 17-jan.\jun.2005.

SANTIAGO, Silviano. Heranças. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.